



A piscicultura no Brasil cresce num ritmo chinês de 14% ao ano. A demanda é robusta também no segmento dos pets”



Ariovaldo Zani,
vice-presidente executivo do Sindirações

A jabuticaba tributária

Por **Sebastião Nascimento**

Foto **Marcelo Min**

De novo o Brasil e seus paradoxos. O setor de ração animal, que responde pelo suprimento alimentar de bois, frangos, porcos e peixes, cuja produção de carne, leite e ovos vai diretamente para a mesa da população, convive com uma carga de impostos de 17%, em média, advinda principalmente de PIS/Cofins e do ICMS, com suas alíquotas diferentes para cada Estado. "Em outros países, os alimentos básicos não são taxados. Ao contrário, recebem até subsídios dos governos", diz o médico-veterinário Ariovaldo Zani, vice-presidente executivo do Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal. No caso específico de cães e gatos, a alíquota média salta para 50%. No entanto, o setor de rações para animais vai bem, e a previsão é aumentar em 3% o volume negociado neste ano em relação a 2013.

Globo Rural ▶ Confinamentos e boitéis estão cheios de gado, enquanto o preço do leite deixa o pecuarista confiante em 2014. A previsão do Sindirações é superar as vendas de rações neste ano em relação a 2013. Está correto?

Ariovaldo Zani ▶ Sim. A expectativa é crescer mais de 3% com rações em geral e 10% com sal mineral neste ano. Esse desempenho dá resposta às previsões otimistas da demanda por carnes, ovos, leite e peixes. A produção brasileira deve se aproximar da marca de 67 milhões de toneladas, sendo 64,4 milhões em rações e 2,4 milhões de sal mineral. Quero lembrar que 2013 foi prejudicado pelo ano anterior, quando houve aumento nos custos de matérias-primas como soja e milho. No caso do leite, a recuperação veio no segundo semestre de 2013: o preço do litro ao produtor foi recorde e ele investiu na alimentação das vacas. Resultado: o setor de rações produziu 5 milhões de toneladas, crescimento de 4,1% em comparação a 2012. Já no corte, a situação foi inversa. O confinador sentiu os custos e a relação de troca boi gordo-bezerro foi negativa. Foram demandados 2,5 milhões de toneladas de rações, 1,9% aquém em relação a 2012. Em 2014, porém, há expectativa de aumento de 10% no volume de bois confinados, e isso está esquentando os negócios. A cotação da arroba do boi e do litro de leite deixa os pecuaristas confiantes em 2014.

GR ▶ Apesar do avanço tecnológico da pecuária, qual o motivo do consumo de sal mineral, importante na dieta bovina, ser considerado baixo diante de outros países?

Zani ▶ No caso do corte, os produtores são ainda bastante conservadores. O tipo de criação é mais antiquada. A maioria do gado é criada só na pastagem, o que torna a taxa de desfrute no Brasil muito baixa. São necessários mais investimentos em genética, tecnologia e alimentação. Aos poucos, porém, os empreendedores adquirem conhecimento e percebem que só o pasto não é suficiente para atender ao mercado contemporâneo e suas exigências por qualidade e escala. No caso do leite, o panorama é igual. A média nacional fica abaixo de 1.400 litros por vaca ao ano, em comparação a 10.000 a 11.000 litros por vaca ao ano de países cuja pecuária é mais desenvolvida. Se considerarmos todo o plantel de bovinos do Brasil, apenas 30% dos animais são suplementados. Definitivamente, o potencial de avanço é enorme.

GR ▶ Como o senhor vê o confinamento no Brasil? Há seis anos, **GLOBO RURAL** fez uma reportagem em que previa que o país fecharia hoje cerca de 8,10 milhões de bois. Estamos na metade ou menos que isso.

Zani ▶ Entendo que o Brasil jamais será um país com uma alimen-



A aposta é na convivência da engorda a pasto, em maior volume, com a necessidade de incrementar o confinamento e agregar qualidade”

tação igual à dos EUA, que confinam quase a totalidade do rebanho. O Brasil tem muito pasto e água disponíveis. Não há necessidade de confinar tantos animais. Nosso clima não é temperado e também não temos frio intenso. Fazendo uma projeção futura, acredito na convivência entre a criação extensivamente a pasto com a engorda em confinamento sendo necessariamente incrementada. Os motivos são a urgência em aumentar a produtividade de nossa pecuária e obter melhores resultados econômicos diante de um mercado internacional altamente competitivo. E o confinamento permite produzir carne de melhor qualidade visando atender ao exigente consumidor mundial.

GR ▶ Quais atividades consomem mais ração e sal mineral no Brasil?

Zani ▶ Avicultura e suinocultura consomem cerca de 80% das rações. As pecuárias de corte e de leite absorvem quase a totalidade dos suplementos, como o sal mineral.

GR ▶ E o segmento dos pets, que com a melhoria no padrão de vida da população tem impulsionado rapidamente o consumo de rações no país?

Zani ▶ É isso mesmo. E podemos incluir também peixes e pássaros. No caso dos pets, é importante destacar um fenômeno que chamamos

de interação entre cães e gatos e a família brasileira contemporânea, o que foi facilitado por mais acesso ao crédito e dinheiro no bolso. E não foi só o setor de rações que se beneficiou. Foram incrementados também os serviços de tosa, veterinária, banho, etc. Virou uma indústria. Estamos produzindo 2,4 milhões de toneladas de ração, e todo o volume supre menos da metade da população de cães e gatos, cujo mercado comporta 5 milhões de toneladas. Há espaço para crescer. No caso dos peixes, o incremento segue num ritmo chinês de 14% ano, e vai subir. No Brasil, a aquicultura industrial é ainda uma atividade nova, enquanto o consumo interno sobe muito.

GR ▶ É fato que o setor pet convive com uma das mais altas cargas tributárias. Qual é o percentual?

Zani ▶ É impensável. No Brasil, a carga tributária para alimentação de cães e gatos é de 50%, por conta de uma cascata de impostos que incide tanto na produção como na comercialização. Para efeito de comparação, na Europa, o país que mais tributa é a Alemanha, 18%. Já nos EUA, a alíquota total é de 7%. Lutamos para mostrar ao governo que uma desoneração, mesmo parcial, compensaria a base da arrecadação ou aumentaria a receita. Também estimularia a demanda, e isso se traduziria em empregos.

GR ▶ Por que os senhores chamam de jabuticaba tributária a taxação sobre a cadeia alimentar?

Zani ▶ É um paradoxo. Realmente, chamamos de jabuticaba tributária. É só no Brasil. No caso das rações, que vão alimentar bois, suínos, aves e peixes – componentes da cesta básica –, a carga é de mais de 17%, quando notoriamente muitos países dão subsídios. Além de tributos de incidência indireta como o PIS/Cofins e do ICMS e suas diferentes alíquotas e regimes tributários, no Brasil há uma burocracia brutal, por conta de regimes e regras distintas até dentro dos Estados. Isso gera custos enormes. Desde 2004, o Sindirações tem feito estudos para mostrar a importância de desonerar parcialmente esse elo da cadeia, barateando assim a alimentação do brasileiro.

GR ▶ Pelo menos 90% dos aditivos usados para a fabricação de rações são importados há anos. Nada foi feito ainda?

Zani ▶ Com exceção da lisina, produzida no Brasil, o restante dos insumos é todo importado. É outra de nossas grandes preocupações, pois a matéria-prima fica mais cara com a alta do dólar, enquanto o consumo de rações cresce em quantidade e qualidade. Temos conversado com o governo acerca da capacidade de o Brasil acomodar indústrias já consolidadas, como as da Europa e dos EUA, e estimular empreendedores locais. O que afugenta essas empresas é a insegurança jurídica e econômica, além do gargalo logístico, como estradas precárias, portos deficitários, condições insuficientes de armazenamento e burocracia infernal. ■